

Capítulo XXV - MAIS UMA EXPERIÊNCIA RUIM, PORÉM O SOCORRO CHEGA

O fato de o resgate da mulher sobrevivente ter sido encerrado com sucesso e a chegada de um grande barco para prestar socorro aos naufragos contribuíram para reduzir o meu sentimento de derrota, após tantos reveses acumulados desde quando o Bateau soçobrou.

Mesmo não tendo identificado Ana entre as pessoas que conseguiram alcançar o casco do barco, eu iniciei o meu nado em direção à traineira com a expectativa de que a encontraria nessa nova tentativa. Afinal, era crível que, após decorrido um bom tempo desde a minha primeira ida à embarcação, o ambiente no interior do barco estivesse mais calmo e, como consequência, as pessoas poderiam estar menos agitadas, tornando possível que a minha voz fosse ouvida no interior da traineira.

Essa sensação de um certo otimismo foi desconstruída, subitamente, quando gritos de socorro soaram às minhas costas. A primeira reação foi não acreditar que eles tivessem o entorno do Bateau como origem, embora não houvesse mais a intensa interferência sonora causada pelos fogos, contribuindo para confundir a minha audição. Eu notei que o show em Copacabana tinha se encerrado pouco tempo depois que dei início ao meu percurso em direção à traineira.

No entanto, a repetição dos pedidos de salvamento não deixou dúvidas de que os gritos vinham mesmo do Bateau Mouche. E, mais ainda, reconheci a voz como sendo da mulher que eu acabara de salvar. Decidi, então, interromper o meu nado, e fazer uma rotação de 180 graus para tentar verificar o que havia ocorrido.

Nesse momento, fogos de artifício isolados, espocando no topo do Pão de Açúcar, forneceram luminosidade suficiente para que eu conseguisse ver o que estava acontecendo no casco do Bateau Mouche. Lamentavelmente, algumas pessoas que permaneciam deitadas no fundo do barco foram devolvidas ao mar e a mulher que eu salvara havia se soltado da estrutura de aço. Conduzida pela correnteza marítima, ela se afastava da embarcação, daí o desespero dos seus gritos.

Capítulo XXV - MAIS UMA EXPERIÊNCIA RUIM, PORÉM O SOCORRO CHEGA

Poucos segundos a mais de observação da cena foram suficientes para entender o que havia ocorrido. Agora, uma onda, que certamente estava repetindo o mesmo efeito de uma anterior, invadiu o casco do Bateau Mouche – que passara a apresentar uma inclinação com a popa mais elevada que a proa – e a força da água no movimento de refluxo fez com que as pessoas, que conseguiram permanecer no casco depois da primeira onda, rolassem em direção ao mar. Após a passagem dessa segunda onda, nem um naufrago conseguiu permanecer sobre a chapa do casco do barco.

Não foi difícil compreender o que acontecera com a mulher que eu havia socorrido. Mesmo segurando a lâmina de aço que eu incisivamente recomendara, quando o barco fez o movimento para cima em função do efeito decorrente da passagem da primeira onda e, em seguida, na fase de vazante dessa marola, agindo para que toda a estrutura se movimentasse para baixo, ela não conseguiu acompanhar esses deslocamentos bruscos do mar e acabou soltando o casco. E, certamente, com o ressurgimento do quadro de risco de vida, mantinha-se flutuando agarrada ao cadáver.

Incrivelmente, para mim, o dilema repetia-se em curto espaço de tempo: ou eu mantinha o meu plano original de me deslocar até a traineira para tentar encontrar Ana ou interrompia o percurso e retornava para resgatar novamente a mulher. O aspecto positivo, agora, é que não havia passado muito tempo desde que ela se afastara do barco, e, por isso, não devia estar longe, mesmo que a correnteza marítima estivesse atuando com intensidade.

Com essa avaliação de proximidade, concluí que poderia alcançá-la em pouco tempo para trazê-la de volta ao barco e, na sequência, partir outra vez em direção à traineira. Decidi, então, nadar orientado pelos gritos da mulher, embrenhando-me na penumbra, pois agora não havia mais a luz dos fogos de artifício para ajudar na visualização das pessoas e objetos que ainda flutuavam. Somente o estrondo dos morteiros, saudando o novo ano, predominava na noite.

A mulher continuava gritando, dizendo que estava se afastando do barco e que iria morrer. Certamente, mesmo com vários sobreviventes na água depois da passagem das ondas que os retiraram do fundo do Bateau Mouche, a probabilidade de que um deles acudisse a mulher deveria ser bem próxima a zero. Na realidade, essa análise mostrou-se correta e fui o único a me aproximar da dupla de naufragos.

Capítulo XXV - MAIS UMA EXPERIÊNCIA RUIM, PORÉM O SOCORRO CHEGA

Ao constatar que eu seria, novamente, o responsável pelo seu resgate, a mulher acalmou-se e pareceu esboçar um leve sorriso, misto de alívio e satisfação. Ela tentou iniciar o que parecia ser um pedido de desculpas por ter se soltado do barco, mas eu lhe pedi para não falar, poupando o fôlego.

Expliquei, em seguida, que não iria adotar a posição de salvamento anterior, porque tinha avaliado que não estávamos tão longe do barco, como por ocasião do primeiro resgate. Ato contínuo, segurei com firmeza o seu braço esquerdo, entre o cotovelo e o ombro, com a minha mão esquerda, enquanto o cadáver permanecia paralelo ao corpo da mulher, pelo seu lado direito.

Recomecei a nadar em direção ao Bateau Mouche enquanto observava à minha direita uma movimentação mais intensa no convés do iate, como estivessem dando início à operação de socorro. Na penumbra, havia indícios que um bote a remo estava sendo preparado para entrar em ação. Mas, podiam ser somente contornos de imagens irreais, geradas na minha consciência, como resultado da intensa ansiedade para que o socorro se efetivasse com rapidez.

Como eu havia calculado, estávamos próximos ao Bateau, porque poucas braçadas depois eu consegui avistar o barco, alguns metros à frente. Percebi que boa parte das pessoas que foram parar no mar, após a passagem das duas ondas, conseguiu retornar ao casco.

Quando nós chegamos ao barco, eu estava ofegante, pois o cansaço predominava, limitando os meus movimentos. Mas, repeti para a mulher tudo o que eu tinha falado ao término do primeiro resgate: para que ela segurasse firmemente a lâmina de aço perpendicular à chapa do fundo do barco e que ela mantivesse a calma, porque o socorro estava próximo.

Para me certificar da providencial iniciativa da tripulação do iate, olhei em direção à embarcação e pude confirmar que havia um bote a remo começando a atuar nas proximidades do Bateau Mouche, provavelmente, já resgatando alguns naufragos.

Agradei a Deus pela ajuda que se aproximava de todos nós, sobreviventes, e avisei a mulher que iria até a traineira para tentar encontrar a minha namorada. Recomecei a nadar sem me lembrar, mais uma vez, de perguntar qual era o seu nome.

Capítulo XXV - MAIS UMA EXPERIÊNCIA RUIM, PORÉM O SOCORRO CHEGA

A traineira mantinha-se a umas dezenas de metros de onde eu estava. Se havia algum movimento do barco, era imperceptível àquela distância e a cada avanço que eu conquistava no mar, mais confiante ficava que chegaria nas proximidades da embarcação em condições de ser ouvido por Ana.

Quando, finalmente, me positionei a uma distância segura da traineira, consegui gritar três vezes o nome de Ana, mas, logo em seguida, o que eu mais temia aconteceu, para a minha decepção.

